

Juventude, esporte e políticas públicas: Uma etnografia com jovens praticantes de jiu-jítsu no bairro Frei Damião em Juazeiro do Norte (CE)

Youth, sport and public policies: An ethnography with young jiu-jitsu practitioners in the Frei Damião neighborhood in Juazeiro do Norte (CE)

Ana Ruth Melo¹
Mônica Franch²

Resumo

Este artigo é um recorte de pesquisa de mestrado em sociologia desenvolvida pela primeira autora, com orientação da segunda. Foi realizada uma pesquisa etnográfica em um projeto social que visa proporcionar um espaço para que os jovens do bairro Frei Damião, em Juazeiro do Norte- CE, possam, através da prática esportiva, disciplinar seus corpos. A prática esportiva em questão é o Jiu-jítsu, arte milenar muito difundida aqui no Brasil e no mundo, que a primeira autora pratica desde 2009. A inserção como participante do projeto permitiu aproximar categorias sociológicas como juventude, lazer e esporte, que foram centrais para pôr em diálogo, por um lado, as expectativas iniciais do projeto, alinhadas com a ideia de contenção a jovens “em situação de risco social”, e por outro lado, as motivações e experiências juvenis no cotidiano do projeto. Ficou evidente que, mais do que se aproximarem da prática do jiu-jítsu em função de uma suposta situação de risco, os jovens se apropriam desse espaço para praticarem uma arte marcial, se socializarem e estabelecerem vínculos afetivos. Metodologicamente, o trabalho teve inspiração na participação observante de Loïc Wacquant, com observações registradas em diário de campo e também realização de entrevistas.

Palavras chave: Juventude. Jiu-jítsu. Políticas públicas. Corpo.

Abstract

This article is an excerpt of master's research in sociology conducted by the first author under the direction of the second author. It is the result of an ethnographic research in a social project for young people in Frei Damião neighborhood (Juazeiro do Norte-Ceará), to discipline young bodies through Jiu-Jitsu, an ancient art widespread over Brazil and abroad. The first author herself is a trainee in Jiu-Jitsu since 2009. Sociological

¹ Mestra em Sociologia pelo PPGS/UFPB. Atualmente atua como Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental I e professora de Sociologia no estado do Ceará.

² Doutora em Antropologia pelo PPGSA/UFRJ. Professora do Departamento de Ciências Sociais e dos Programas de Pós-Graduação em Antropologia e em Sociologia da UFPB. Coordena o Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura (Grupessc/UFPB).

categories such as youth, leisure and sport are at the core of the analysis. The ethnography contrasted the official discourse and expectations of the project, which included restraining young people "in a situation of social risk", with motivations and youth experiences in the daily life of the project. It was evident that, more than approaching the practice of jiu-jitsu due to a supposed risk situation, young people take this space to train a martial art, to socialize and to establish affective bonds. Methodologically, the research was inspired by Loïc Wacquant's observant participation, fieldnotes and in-depth interviews.

Keywords: Youth. Jiu-Jitsu. Public policies. Body.

Introdução

As práticas esportivas estão presentes no convívio social desde a antiguidade, de forma que as dinâmicas de um determinado grupo social podem ser evidenciadas em seus esportes e nas regras que os norteiam. Embora essa temática tenha ficado por muitos anos fora do campo de interesse da sociologia, já se sabe que praticar esporte não é sinônimo de “falta do quê fazer” e que este tem sido muito difundido ao longo do processo de civilização (ELIAS; DUNNING, 1992). Atualmente, é impossível ficarmos indiferentes frente à dimensão que o esporte vem ganhando no mundo, quer seja desde perspectivas que consideram esse fenômeno a partir do lazer, do bem-estar físico, da sua dimensão profissional ou, ainda, como uma forma de legitimidade social.

Dentro das comunidades periféricas, o esporte tem sido uma estratégia frequentemente utilizada com o objetivo de combater o recrutamento dos jovens pelo tráfico e sua possível inserção em redes de criminalidade, priorizando deste modo um uso instrumental do desporto. Em alguns casos, a prática esportiva é utilizada em políticas públicas como uma ferramenta que possibilita uma aproximação dos órgãos de segurança aos jovens que moram em localidades consideradas de vulnerabilidade social. Desta forma, o esporte não evoca somente estudos sobre atitudes condicionantes do corpo, mas também nos permite refletir sobre formas de governo dos corpos jovens e sobre mecanismos de inserção social, além de nos falar sobre o alívio das tensões do cotidiano, sobre prazeres e desafios, sociabilidade, conflito e solidariedade.

O município de Juazeiro do Norte, localizado na Região centro-sul cearense, tem sido mais um dos vários municípios no país que se apropriou do esporte com o intuito de ocupar o tempo ocioso dos jovens que moram na cidade. Afinal, mesmo com estudos que apontam como o ócio pode ser uma importante dimensão do cotidiano juvenil (FRANCH, 2015), o tempo livre continua sendo visto como um “perigo” para o jovem. Sendo assim, o texto que aqui se apresenta resulta de uma pesquisa desenvolvida entre 2014 e 2019 no município de Juazeiro do Norte, mais especificamente no bairro Frei Damião, junto a um projeto esportivo voltado para jovens

entendidos como sendo “de risco social”, inicialmente desenvolvido pela Secretaria de Segurança do município e posteriormente coordenado pelos jovens membros do projeto, como iremos esclarecer mais adiante. A partir de uma pesquisa etnográfica, inspirada na abordagem de participação observante de Loïc Wacquant (2002), discutiremos alguns dos princípios que norteiam a criação de projetos juvenis de esporte em bairros periféricos e veremos de que modo essas atividades podem ser reapropriadas e ressignificadas pelos participantes que aderiram à modalidade de jiu-jítsu. Como tentaremos mostrar, a procura e a continuidade no projeto ultrapassam, de muitas maneiras, os objetivos do controle, adentrando dimensões de sociabilidade e de identificação com o jiu-jítsu enquanto técnica corporal, filosofia de vida e tecnologia de controle emocional.

O artigo está dividido em cinco partes. Na primeira, trazemos alguns elementos teóricos situando nossa compreensão sobre juventude e mostramos de que modo o esporte tem sido mobilizado como prática de regulação e controle social de segmentos juvenis construídos como ameaçadores em função de seus marcadores sociais. Na segunda parte, apresentamos os dados do projeto investigado, incluindo suas mudanças ao longo do tempo, deslocando-se de uma ação do campo da segurança para uma associação esportiva autogestionada. Na terceira seção, discorreremos sobre o modo como a pesquisa foi realizada, a partir da inserção da primeira autora como praticante de Jiu-Jítsu. Na quarta parte, repassamos sumariamente a história do jiu-jítsu e descrevemos algumas das características dessa prática.

Juventude “perigosa” e esporte como contenção

A juventude, se por um lado tem sido mobilizadora de esperanças e expectativas, também tem sido alvo constante de políticas voltadas para a modelagem de seu comportamento, proteção de seu futuro e resgate da sua condição juvenil. Isso a partir de políticas de segurança que visam a juventude como “irresponsável” demais para proteger a si mesma sozinha, devido ao contexto de vulnerabilidade em que muitos jovens se encontram inseridos.

É estranho pensar numa época em que não havia preocupações com a categoria juventude, uma vez que a mesma nem existia. Porém houve essa época e não faz nem muito tempo se considerarmos o seu processo histórico. De acordo com Carles Feixa (1998), a juventude é uma construção social que pressupõe, de um lado, a existência de condições sociais (normas, comportamentos, instituições) e, de outro lado, imagens culturais (valores, expectativas de comportamento, rituais), dependendo, ambas as condições, da estrutura da sociedade. Ainda de

acordo com Feixa, tais condições teriam se tornado possíveis numa longa transição que deita suas raízes no século XVIII e culmina no século XX – conhecido, de acordo com Philippe Ariès (1978), como “o século da adolescência”. Helena Abramo (1994) nos chama atenção para o fato de que embora essa categoria seja normalmente limitada a uma faixa etária enquanto período de transição, essa “[...] noção de juventude é socialmente variável” (P. 01), pois sua definição pode se modificar de sociedade para sociedade.

Ou seja, embora exista o fator biológico da transição corporal da infância para a vida adulta, a significação desse período, e sua individualização em relação a outros períodos da vida, variam histórica e socialmente. Mais do que isso, não apenas a definição de juventude se modifica de sociedade para sociedade como também dentro de uma mesma sociedade é possível perceber significativas diferenças nas formas de vivenciar a juventude, bem como nas formas como os jovens são compreendidos pela sociedade mais abrangente. A pluralidade das formas de vida juvenis tem contribuído, nas ciências sociais, para o uso cada vez mais comum do substantivo juventude no plural – juventudes –, justamente para tornar visíveis as diferenças e por vezes as desigualdades que atravessam a condição juvenil.

É nesse processo de diferenciação da vivência juvenil, e de diferentes imagens construídas em relação aos jovens, que podemos situar a ideia de “juventude problema”. Por um lado, a juventude, pelo fato de se tratar da geração que, em tese, substitui a geração adulta na sociedade, desperta, coletivamente, cuidados em função da incerteza dessa transição. Já no século XIX, a juventude era vista como problema. Espera-se que o jovem se integre normalmente à sociedade quando chegar à vida adulta, então criam-se mecanismos de controle que possam mediar e garantir que o jovem não desenvolva comportamentos rotulados como “desviantes” nesse período e, conseqüentemente, em nenhum outro momento futuro. Porém, também há “[...] o fato de o jovem olhar para a transgressão com certa curiosidade” (CARLINI-COTRIM, 2000, p. 78).

De acordo com Le Bréton (2012), assumir riscos é uma parte importante da vivência adolescente e juvenil. Num certo desafio à morte, os jovens testam seus limites e se diferenciam assim de uma condição infantil mais protegida. Mas enquanto jovens de grupos privilegiados contam com redes de apoio eficazes no controle dos efeitos dessas experimentações, muito diferente é a situação de jovens menos privilegiados, que podem ver suas biografias interrompidas ou interceptadas nesse momento.

Quando falamos da “juventude perigosa”, portanto, e sobretudo no contexto brasileiro, estamos nos referindo a um modo de olhar os jovens que não fazem parte dos grupos privilegiados, jovens de periferia, dos morros, alagados, favelas e bairros populares como Frei Damião, vistos e

tratados como ameaça à ordem vigente. Quando o Estado se aproxima desses jovens, muitas vezes o faz a partir de políticas repressivas, que se expressam nas altas taxas de encarceramento juvenil e também de mortes em decorrência dos chamados “autos de resistência”, ou seja, mortes à mão de agentes do Estado, que se somam às outras muitas formas com que estes jovens cruzam com a morte. Outra forma de atuação do Estado junto a esses jovens, diretamente relacionada com a ideia de sua periculosidade, é, entretanto, a partir de um objetivo “civilizador”. Na sua origem, o projeto que discutimos aqui se encaixa perfeitamente nesta segunda forma de atuação do Estado – tratava-se de um projeto de artes marciais, voltado a jovens “em risco”, que foi originalmente desenvolvido pela Guarda Civil Municipal de Juazeiro do Norte.

Ao mencionar “objetivo civilizador”, imediatamente vêm à mente as ideias de Norbert Elias (1994). Em sua obra *O processo civilizador*, o autor analisa o processo de refinamento dos costumes na Europa ocidental, elaborando um pensamento que nos inspira a pensar na ideia das políticas públicas como forma de “civilizar” os jovens da periferia. Esse tipo de políticas, quando voltadas aos jovens pobres, objetiva fazê-los incorporar um modelo de comportamento proposto pelas classes dominantes, de forma que o jovem possa se adequar aos padrões de comportamento que se almeja que ele desempenhe no meio social. Sendo assim, as práticas esportivas e artísticas trabalhadas no Programa Atleta Cidadão, que discutiremos aqui, seriam o meio para se atingir o objetivo de disciplinar, “civilizar” esses jovens.

Assim como ocorreu na Europa, aqui também se objetiva a pacificação de lugares onde prolifera a violência e o refinamento dos modos comportamentais dos indivíduos a partir da capacidade de eles exercerem o autocontrole sobre seus atos e emoções. Esse processo de incorporação do *habitus* de um indivíduo civilizado se dá nos processos de interação de uma sociedade, que determina as normas sociais às quais esse comportamento deve se adequar. Aqui o modelo ideal é aquele em que as tensões e desavenças seriam resolvidas pelo Estado, não cabendo ao indivíduo executar atos de violência para não ser “tachado” de incivilizado, que não tem controle sobre seus impulsos naturais. Dessa forma, há um controle social nesse processo, a partir das expressões de nojo, vergonha e exclusão que seriam desempenhadas pelos próprios indivíduos.

Evidentemente, é preciso fazer muitas mediações entre o processo civilizador, nos moldes descritos por Norbert Elias, e a realidade social contemporânea no mundo todo e, principalmente, no Brasil. Seria difícil afirmar que o Estado brasileiro detém o monopólio da força e muito menos pensar que o refinamento de costumes tenha avançado na mesma direção. Fugindo de qualquer intenção evolucionista (povos mais ou menos civilizados), o que pretendemos afirmar aqui é que as práticas esportivas, quando voltadas a jovens de periferia, frequentemente parecem estar

inspiradas nesse ideal civilizatório, partindo do pressuposto de que: a) todos os jovens que moram na periferia são tendencialmente violentos e perigosos; b) as dinâmicas que levam esses jovens a uma maior exposição à violência dependem, basicamente, de atitudes individuais, como controle das emoções. Como veremos mais adiante, não é a partir desses pressupostos que os jovens se aproximaram do projeto em questão.

Do Programa Atleta Cidadão ao “projeto social de jiu-jítsu”

No ano de 2009, foi implantado o Programa Atleta Cidadão em Juazeiro do Norte, que teve como intuito assistir jovens de periferia, oferecendo a oportunidade de uma prática esportiva no contra turno escolar. Administrado pela Secretaria de Segurança Pública e executado pela Guarda Civil Municipal, o Programa foi instalado em bairros periféricos, tidos como localidades violentas nas quais os jovens estariam propensos a se envolver com drogas e criminalidade. Dentre eles, está o bairro Frei Damião.

Local desta pesquisa, o Frei Damião é o terceiro maior bairro de Juazeiro do Norte, e é tido no imaginário urbano do município como periferia/favela (FEITOSA, 2015). Não possui muitos atrativos e espaços de lazer para os jovens, exceto os espaços da escola e das igrejas com os grupos de jovens. Ademais, pelo fato de ser um espaço social que carrega um grande estigma, seus moradores tentam se distanciar da imagem negativa atrelada ao bairro, e diretamente vinculada às pessoas que moram nesse local, empreendendo, para tanto, estratégias de distanciamento. Apesar desse estigma, em Frei Damião, como em muitos outros bairros periféricos, há uma intensa sociabilidade local, envolvendo sobretudo os jovens. Em sua dissertação de mestrado sobre jogos de futebol nos campinhos do bairro (rachas), Antonio Lucas Feitosa (2012) nos fala de uma “sociabilidade espontânea” realizada pelos jovens do bairro, em contraposição ao futsal como prática institucionalizada. Ele também faz alusão ao Programa Atleta Cidadão com as seguintes palavras:

O projeto [Atleta Cidadão] emerge, assim, como uma atividade pensada para ser uma opção de lazer, ao mesmo tempo em que um contraponto as práticas que não são vistas como “sadias”. É o caso dos jogos de futebol em campos de terra, brincadeira comum no bairro, mas que para os agentes de segurança pública são momentos em que se comercializa drogas [...]. Essa postura em relação ao ócio e ao lazer não se encontra distanciada da dimensão disciplinar que as ações descritas [do projeto] acabam por assumir [...]. Assim, ao mesmo tempo em que as atividades esportivas e artísticas têm uma postura disciplinar, também surgem como maneiras de organizar e fundir a sociabilidade (FEITOSA, 2012: P. 61).

Desde seu começo, o Programa Atleta Cidadão esteve diretamente ligado à escola CAIC não apenas por ser esse o local onde eram desenvolvidas as atividades, mas também porque o projeto se volta à comunidade escolar. Pensando em ocupar o tempo “ocioso” dos jovens, as atividades ocorriam em horários diferenciados, de maneira a poder atender aos jovens que estudam de manhã e à tarde sem interferir em suas aulas. Durante cinco anos, foram desenvolvidos trabalhos esportivos com as modalidades de jiu-jítsu, capoeira, futsal e posteriormente, atividade circense. O instrutor de jiu-jítsu era Sávio Montenegro, que comanda uma das maiores equipes de jiu-jítsu da região do Cariri.

Em 2017, ocorreu uma greve geral dos servidores públicos municipais, envolvendo também o setor da segurança e, com isso, as ações do projeto foram paralisadas. Embora a interrupção das atividades somente ocorresse em abril daquele ano, os servidores vinham realizando paralisações mesmo antes da deflagração de greve, que afetavam negativamente as atividades do projeto. Além disso, o programa já não tinha tanta assistência nem recursos como no início. Ao término da greve, ainda em 2017, a Guarda Civil e os demais servidores retomaram o trabalho, porém, as atividades específicas do programa foram remanejadas para o Ginásio Poliesportivo³ localizado quase no centro da cidade e distante do bairro Frei Damião, tornando difícil para os alunos do Atleta Cidadão se deslocarem até o novo local de treino com regularidade.

Para além da distância geográfica, a saída do bairro foi acompanhada de uma mudança ainda mais significativa para os jovens praticantes de jiu-jítsu: a mudança de equipe. Como veremos posteriormente, a prática de jiu-jítsu organiza-se por equipes às quais os praticantes estão ligados por um sentimento de lealdade. Diante da mudança de local e de equipe, os participantes do projeto se viram no dilema de “mudar de lado”, abandonar a prática ou aceitar o desafio de tomar as rédeas do projeto e dar continuidade aos treinos de jiu-jítsu no mesmo local, na mesma equipe, mas de forma autogestionada. Assim foi feito.

Após a retirada do Programa Atleta Cidadão, os próprios jovens se organizaram e reestruturaram um novo projeto. A partir de uma rifa, compraram o material necessário para iniciar os treinos, no caso o tatame, conseguiram um espaço de treino na escola em que estudam e José Alisson, que foi o responsável por reimplantar o projeto, tornou-se instrutor do novo grupo. Assim, o que antes era um programa idealizado pela Secretaria de Segurança Pública e Cidadania, supervisionado e coordenado pela Guarda Civil Municipal, com o intuito de amenizar os impactos

³ Espaço utilizado aqui no município para realizar grandes eventos esportivos e para treinos de diversas modalidades no dia-a-dia, desde que agendados previamente.

do contexto de risco social na vida dos jovens através do esporte, passou a ser, a partir do mês de outubro de 2018, um projeto social organizado e coordenado por jovens entre 17 e 21 anos.

O projeto tem alunos de 12 a 28 anos, mas a faixa etária mais comum é entre 12 e 17, que são os interlocutores desta pesquisa. Com isso, o trabalho aqui descrito apresenta um projeto onde os jovens se tornaram protagonistas do seu próprio espaço de lazer – embora as atividades continuem ocorrendo na escola CAIC e mantenham a sua característica de “treino” que as diferencia da “sociabilidade espontânea” presente em outras atividades no tempo livre juvenil do Frei Damião, como os já mencionados “rachas” (FEITOSA, 2012).

Uma socióloga de quimono: notas sobre a pesquisa

Ao trazer para este artigo a história de mais de dez anos de jiu-jítsu no bairro do Frei Damião incorporamos, também, uma parte da juventude da primeira autora deste texto que nasceu e cresceu no bairro, e que foi atraída para o jiu-jítsu ainda quando adolescente⁴. A pesquisa, portanto, também se refere a essa vivência enquanto membro do projeto que pesquisei. Iniciei os treinos de jiu-jítsu como um espaço de lazer e alívio de tensões, embora na época em que comecei a treinar, em 2009, não pensasse nesses termos. A prática do esporte, deste modo, precedeu a pesquisa e permitiu que ela incluísse uma dimensão corporal extremamente significativa no caso dos estudos sobre práticas esportivas, como tão bem mostrou Loïc Wacquant (2012). A partir da leitura da participação observante desenvolvida por esse autor, deparei-me com desafios semelhantes: se realmente seria capaz de apreender o esporte, se poderia explicar as relações que se estabelecem em meu campo e como seria possível traduzir as dimensões corporais e o não-dito numa linguagem sociológica.

Quando se estuda uma prática na qual se está tão intimamente envolvida, corre-se o risco de não conseguir objetivá-la e extrair conhecimento além das próprias experiências. Por isso, o diário de campo foi uma ferramenta metodológica imprescindível no processo da pesquisa. Esse olhar voltado a descrever não só o que se observava, mas também o que eu realizava em cada treino, auxiliou muito no andamento da pesquisa. Escrever diários de campo foi quase como fazer um diário pessoal das minhas experiências no tatame, permeadas por memórias de uma longa e intermitente trajetória de praticante. Por outro lado, a escrita do diário funcionou como uma

⁴ Sempre que usarmos a primeira pessoa do singular, faremos referência à primeira autora. Essa opção busca evidenciar, no texto, o caráter pessoal e insubstituível do trabalho de campo, bem como sua dimensão experiencial. Já o uso da primeira pessoa do plural expressa a contribuição de ambas as autoras nas reflexões.

bússola que me permitiu ir direcionando e avançando na pesquisa de campo. Os diários produzidos em cada visita ao projeto retratam as interações por mim vivenciadas, a partir das quais estabeleci vínculos com os demais participantes, uns mais outros menos. James Clifford (2002, p.20) afirma que: “A observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução”, de modo que o texto produzido ao final será o resultado das experiências vivenciadas e da capacidade de interpretação das mesmas.

Talvez pelo fato de me entender como participante, talvez por uma simples questão de timidez, adiei o máximo que pude a realização de entrevistas. Quando finalmente optei por fazê-las, segui os modelos de entrevista semipadronizada e de entrevista etnográfica. De acordo com Uwe Flick (2009), a primeira contempla um conjunto de questões abertas que visa extrair a “teoria subjetiva” do entrevistado a respeito do tema estudado; em outras palavras, “[...] os entrevistados possuem uma reserva complexa de conhecimento sobre o tópico em estudo” (p.149) e questões mais amplas os fariam falar de forma espontânea sobre o assunto, possibilitando outras perguntas dentro da própria entrevista, o que me ajudou bastante na hora de refletir sobre as motivações dos jovens em estarem ali. Já a entrevista etnográfica foi bastante útil enquanto estava realizando as observações, pois possibilitava retirar dúvidas e fazer questionamentos aos jovens no momento em que me encontrava em campo. O problema básico desse método era “[...] como adaptar as conversas que surgem no campo em entrevistas nas quais os desdobramentos das experiências particulares do outro estiver sistematicamente alinhado com o assunto da pesquisa” (FLICK, 2006, p. 159). Dessa forma muitas vezes fiquei de fora do assunto, buscando um momento oportuno para realizar a pergunta que desejava ou em outros momentos iniciava conversas direcionando para o que almejava saber⁵.

Mas afinal, o que é o jiu-jítsu?

O termo jiu-jítsu, significa “arte suave”. O que faz todo sentido para quem o pratica, pois quando se luta agitado, com pressa e usando muita força, o atleta consegue apenas se cansar e não realiza nada de técnica, dando a vitória ao seu oponente.

Há quem diga que o jiu-jítsu é uma prática iniciada na Índia pelos monges budistas que precisavam se defender e não se permitiam o uso de armas, então desenvolveram seu próprio corpo para tal fim; posteriormente com a propagação do budismo o esporte também foi se difundindo até chegar ao Japão. Por outro

⁵ Ao todo foram realizadas seis entrevistas com os membros do projeto e os nomes são verdadeiros.

lado, há quem diga que se iniciou no Japão para auxiliar os Samurais no combate, quando eles ficavam sem as armas. De qualquer forma, o jiu-jítsu tem seus princípios voltados para a defesa e não para o ataque, focando num conjunto de técnicas que permitem a uma pessoa fisicamente mais fraca, derrotar outra fisicamente mais forte, para essa arte: “tamanho não é documento” (MELO, 2014).

De acordo com Antonio Claudio E. M. Teixeira (2011), Esai Maeda Koma, apelidado aqui no Brasil de Conde Koma, chegou ao Brasil em 1915, especificamente ao Estado do Pará, onde conheceu Gastão Grace que se entusiasmou ao assistir a uma demonstração da sua luta e levou seu filho mais velho, Carlos Grace, para aprender as técnicas e posteriormente ensina-las aos seus irmãos.

Em 1925 no Rio de Janeiro, Carlos Grace abriu uma academia com seus irmãos, e um deles, Hélio Grace, apenas observava, mas um dia, quando seu irmão precisou se ausentar, ele se ofereceu para dar aulas. O que chamou atenção é que Helio Grace, ao contrário do seu irmão, era magro e raquítico, o que o forçou a adaptar as técnicas de jiu-jítsu ao seu tipo físico, usando técnica ao invés de força. E foram essas alterações nas técnicas que hoje circulam o mundo todo como *Brazilian jiu-jítsu* ou em português, jiu-jítsu brasileiro. Embora haja divergência na história entre qual Grace é de fato responsável pela difusão dessa arte pelo mundo, pois Carlos Grace também reivindica essa glória, é consenso que a família Grace foi a responsável pelo desenvolvimento dessa técnica, embora nem todos os membros sejam lutadores, muito menos as mulheres, que não foram estimuladas a competir.

Por incrível que possa parecer, o lutador de jiu-jítsu não tem como objetivo a intensidade do uso da sua força física corporal. O documento da Cearafitness assinala que o praticante de jiu-jítsu “ganha como base fundamental a destreza, a rapidez e a flexibilidade, sem requerer a força bruta. A atenção e o equilíbrio são fundamentais, pois o objetivo é utilizar-se da força do adversário para a aplicação de um golpe”. Os referentes tradicionais do jiu-jítsu, representados por Hélio Grace, pautam-se no *corpo magro*, muitas vezes considerado incapacitado para o esporte, apreendem uma série de técnicas capazes de desequilibrar e finalizar o adversário (DIÓGENES, 2003, p. 131).

Como podemos perceber, a força não é o elemento principal nesse esporte. A história do jiu-jítsu está associada aos chamados Pitboys, que, segundo Fátima Cecchetto (2004), eram jovens da classe média carioca que, por volta da década de 1990, se envolviam em brigas de rua e eram os que mais procuravam por academias que ensinavam jiu-jítsu. Isso é compreensível, pois a Família Grace difundiu o jiu-jítsu como uma luta superior a todas as outras artes maciais e até criaram um evento, o MMA para provar esse “fato”.

Atualmente, com a esportivização do jiu-jítsu a prática passa a obedecer a regras que põem sob controle o uso da violência, estimulando as dimensões civilizadoras da prática esportiva em detrimento de seu potencial de luta, conforme mostraram Elias e Dunning (1992) em relação a outras práticas esportivas. Até o próprio evento de vale-tudo criado para apresentar o jiu-jítsu como arte superior, hoje é completamente regulado por regras.

Ou seja, a passagem de algo que é visto apenas como lazer a esporte ocorre com o surgimento de regras que definam as ações, as condutas dentro de determinada prática. O que também significa que o processo civilizador ocorre no universo do esporte. Elias segue nos dizendo que a civilização dos jogos de competição é algo extremamente vinculado a questão da restrição, ou minimização, da violência efetuada sobre os outros competidores, isso só é possível por meio de um conjunto de regras sociais (SILVA, 2016).

O jiu-jítsu brasileiro, atualmente, é um esporte praticado e consagrado em vários países. Ainda há essa associação entre os seus praticantes e a violência, mas isso depende muito da academia na qual se é membro. No interior do Ceará, mais especificamente em Juazeiro do Norte, não há essa ligação direta entre brigas de rua e lutadores de jiu-jítsu, apontada tanto por Cecchetto (2004) quanto por Diógenes (2003). Mas é consenso a ideia de que essa violência se dará ou não em decorrência do que se é valorizado no espaço de treino onde seja aluno.

O professor da academia, o mestre, não apenas é considerado, no geral, instrutor técnico; ele exerce uma influência moral e uma autoridade na relação que mantém com os alunos. A fala sobre o *mestre* assume um som mítico, delineado por configurações de poder e hierarquia. [...] O professor é *reflexo*, é *espelho*, funciona como um *orientador* (DIÓGENES, 2003, p. 128).

Como ocorre nas artes marciais em geral, o jiu-jítsu possui uma forma bem clara de evidenciar o avanço dos seus praticantes no domínio do esporte a partir de uma escala de faixas e graus de cores diferentes, as faixas indicando uma mudança de categoria e os graus reconhecendo que o praticante melhorou em habilidades e técnicas, mas que ainda não está pronto para a faixa seguinte. Nesse caso, o praticante recebe apenas *grau* na faixa, que na prática é uma fita de esparadrapo pregada na ponta preta da faixa que o lutador usa sinalizando que ele está próximo da faixa seguinte. A cada quatro *graus* em cada cor de faixa, pode-se receber a faixa seguinte. A média de tempo entre uma faixa e outra varia entre um ano e meio e três anos, até chegar no nível de professor. Mas isso é relativo, depende de o mestre entender que o lutador está apto para trocar de faixa e de sua dedicação aos treinos. Além de reconhecer o avanço do praticante desta “arte suave”,

as faixas também são importantes pois elas organizam as categorias que podem lutar entre si nos campeonatos, que propomos compreender aqui como “tempos fortes” no universo do jiu-jítsu.

(Auto)Etnografando os treinos: a equipe e os jovens



Figura 1: A primeira autora recebendo grau na faixa, pelas mãos do mestre da equipe, Sávio Montenegro.
Fonte: Arquivo pessoal. 06 de outubro de 2018.

Quem treina jiu-jítsu sempre treina em algum lugar no qual o dono também é o mestre ou numa academia na qual esse mestre dá aulas, e a equipe a que pertence leva o nome de alguém consagrado nesse esporte, de alguma técnica de jiu-jítsu ou do próprio mestre. Por exemplo, a equipe Sávio Montenegro leva o nome do seu fundador e mestre e não possui espaço próprio de treino; ele dá aulas particulares, também em academias e projetos sociais, e quem coordena esses projetos são seus alunos faixa roxa ou marrom. Já a equipe rival Kimura leva o nome de uma técnica de jiu-jítsu e tem espaço de treino próprio. No universo do jiu-jítsu a relação com a própria equipe é baseada num sentimento de lealdade, assimilado a uma relação de família, enquanto as relações com as outras equipes são marcadas pela rivalidade. Nosso projeto está vinculado à equipe Sávio Montenegro e isso nos identifica em postura, comportamentos e ensinamentos, pois o aluno

é reflexo do seu mestre. Por isso é tão importante para nós fazermos parte de uma equipe, pois cada mestre impõe sua marca no jeito de ensinar.

Basicamente a figura do professor é que modela esse aluno. E a partir dessa troca recíproca de informação o aluno saberá qual comportamento dele é esperado pelo instrutor. Se será esperado o comportamento de um *pítboy*: aquele que vai se aproveitar de está sempre armado, pois o seu corpo é uma arma, para agredir pessoas desarmadas atitude considerada no meio do esporte como covardia, devido muitas dessas vítimas não terem conhecimento algum de defesa pessoal. Ou o comportamento de um “guerreiro”: aquele que tem consciência que o seu corpo pode ser uma arma letal e restringe o uso de suas técnicas ao tatame e a academia (MELO, 2014).

Numa situação como essa, a figura do instrutor, ou mestre, também poderá ser “manchada” no meio esportivo, devido aos questionamentos de quais valores ele dissemina entre seus alunos.

O projeto conta com uma rotatividade dos alunos. Muitos começam a participar e desistem, seja por falta de tempo, afinal as prioridades mudam ao longo do tempo, seja por “preguiça” também. Como os jovens costumam dizer “nem todos aguentam a pressão”, pressão das lutas e também o desgaste no corpo advindo da prática constante do jiu-jítsu. Há ainda aqueles que vão e voltam, como também foi meu caso. Os participantes são jovens em idade escolar, com bastante tempo livre, poucas responsabilidades domésticas, que são amigos e até parentes dentro e fora do tatame. Esse movimento de ir e vir dos jovens do projeto fica claro na fala de Alisson, atual instrutor do grupo:

Notei que poucas pessoas são as que ficam, eu posso arriscar dizer que do meu tempo até hoje, continuaram junto acho que eu devo ser o único que ainda restou que tá, que tá fixo. Tem uns que vão e volta poucos. O que eu notei que são, que eu digo sem dúvidas assim se num passou por pelo o projeto umas trezentas pessoas ou isso aí já eu arrisco, já foi muita pessoa. Sempre tem as temporadas em tempo tem certas pessoas, depois elas saem em outro tempo tem outras. Não é algo tão notável assim algo tão obvio. Vai acontecendo com o tempo quando você para pra pensar e fulano já não tá aqui. Fulano também, você ver que tem pessoas novas. Então, assim, a galera vai mudando. Sempre. Sempre vai mudando.

Os jovens do projeto são em sua grande maioria meninos: contando apenas os frequentadores mais assíduos, do total de vinte e cinco membros, apenas quatro são meninas, incluindo eu. Todos são estudantes, com exceção de Alisson, que terminou o ensino médio em 2018, apenas dois deles não estudam no CAIC. Dois deles pertencem a mesma igreja evangélica, localizada no bairro.

Reconhecem que o bairro não oferece muitos espaços para lazer, como fica evidente na fala de alguns deles, quando questiono o que fariam se não participassem do projeto:

Ederlanio: Fico em casa assistindo série.

Rikael: Eu mesmo só fico em casa e mexo no celular e vou deitar.

Guilherme: Raramente assim, geralmente eu, eu leio, quando eu num to lendo eu tô ajudando minha mãe.

Isso já era de se esperar em um bairro periférico, devido à ausência de espaços de lazer para o jovem e para comunidade em geral. Na falta de equipamentos específicos, as ruas, os portões, as casas terminam abrigando a sociabilidade juvenil, que se entrelaça com o cotidiano de outros grupos etários e que frequentemente, pelo seu caráter rotineiro, não é muito valorizada ou até mesmo percebida enquanto lazer (FRANCH, 2015).

Os jovens que praticam jiu-jítsu no bairro de Frei Damião pertencem a famílias de baixa renda, seus pais possuem trabalhos diversos, muitos só fazem “bicos”, ou seja, trabalhos informais com baixa remuneração e sem nenhuma garantia de continuidade. Isso faz com que alguns desistam ou faltem bastante aos treinos, porque precisam trabalhar desde cedo para colaborar financeiramente em casa. Apesar de morarem no mesmo bairro e partilharem características sócio-econômicas, os jovens que praticam jiu-jítsu no bairro de Frei Damião são bem diversificados em alguns outros aspectos. Há entre eles evangélicos, católicos e até um ateu. Gostam de ler ou de passar o dia no celular. Alguns são parentes, Saymon e Sara são irmãos; outros namoram, como Paulo e Larissa, Luanderson e Sara. Moradores de periferia, em sua maioria negros. Mas principalmente são amigos, que escolheram três dias por semana estarem juntos, compartilhando o mesmo espaço de treino.

Dimensões morais da prática e a construção do corpo do lutador

O jiu-jítsu é uma arte voltada para a disciplina e o autocontrole. O respeito com o mestre e os demais parceiros de treino também é bastante valorizado. Certa vez, no espaço de treino, tive uma atitude considerada imprópria para aquele momento: comemorei uma finalização ao meu parceiro de treino, Charles. Logo em seguida, Alisson, que é o responsável pelas nossas atividades, me puniu com trinta sapinhos⁶. O motivo da minha euforia, naquele momento, foi porque Charles

⁶ Exercício no qual a gente deve pular com os braços erguidos e ao tocar novamente o solo curvar o corpo para frente até que as mãos toquem o tatame e fazer isso quantas vezes forem solicitadas, no meu caso, foram trinta sapinhos.

é um jovem de 1,65m que pesa 110kg. Nem todo mundo gosta de treinar com ele, porque ele representa uma combinação de força, peso e técnica, o que dificulta bastante a movimentação na luta dos alunos novatos, ou daqueles que têm medo de se machucarem. No início da participação dele no projeto, ele não tinha controle do seu corpo, nem da sua força. E muitas vezes, lesionava seus parceiros de treino mesmo sem querer, mas atualmente, o considero um excelente parceiro de treino, e mesmo ele não sendo meu adversário, fazia tempo que vinha tentando finalizá-lo. E neste dia aconteceu e fiquei muito feliz. Mas externar minha felicidade naquela ocasião foi considerado destoante, pois os treinos são um momento de aprendizado mútuo, onde você precisa do seu parceiro de treino para aprender e se desenvolver cada vez mais, não para rivalizar com ele – ou até mesmo para “torcer” por ele.

Como em muitas outras artes marciais, no jiu-jítsu a finalização é o objetivo imediato das lutas. Ela consiste na aplicação de técnicas específicas, até forçar o adversário a desistir da luta. Uma característica do jiu-jítsu é de ter diversas formas de sair de uma situação difícil de luta. Finalizações como mata-leão, braços cruzados no pescoço do outro, armlock (quando se estica o braço do outro e aplica pressão em seu cotovelo no sentido inverso a sua articulação), e vários outros exemplos, todas essas técnicas possuem algo em comum: não há apenas uma forma de sair delas. No tatame é comum você ouvir “sai daí, se não dá de um jeito, dá de outro”. E isso não serve apenas para o esporte, serve para a vida também. Junior, lutador “faixa roxa” que mora na cidade de Barbalha e com frequência está presente nos nossos treinos, costuma nos dizer: “ou a gente ganha [a luta] ou a gente aprende, mas nunca se perde”. Nesse e em outros momentos, os ensinamentos no tatame são transpostos para a vida cotidiana.

Há mais de um modo de sair de uma situação aparentemente sem saída; essa é uma das lições. Outra lição: você pode estar na vantagem com o seu adversário, pelos pontos, e de uma hora para outra a situação pode mudar, você pode ser finalizado e acabar perdendo a luta sem nem perceber. Da mesma forma, são os nossos desafios diários, não devemos baixar a guarda. O jiu-jítsu ensina valores que são importantes para o nosso convívio em sociedade.

Meus interlocutores falam um pouco sobre essas questões, quando lhes pergunto sobre as lições que o jiu-jítsu lhes ensina e que servem fora do tatame.

Eu acho que respeito. Muito respeito. Na hora que entra no tatame isso daí é já ter respeito por quem é mais é [maior, no sentido de hierarquia]. (jovem entrevistado)

A união com entre times, o que é, num sei só a união mesmo. (jovem entrevistado).

Para além desses aspectos, que podemos entender como ensinamentos morais da prática do jiu-jítsu, o projeto nos proporciona contato com outras pessoas, ampliando assim nosso universo relacional e nos dando acesso a outros pontos de vista sobre a vida:

O que eu gosto mais no projeto é o contato. Estar com pessoas de várias idades. É diferente as vezes até com pai de família também, é pessoas que já são adultas. E precisa saber lidar porque assim a gente aprende a lidar com pessoas, situações, problemas, e como você reage a cada situação dessa. Eu acho que o bom é de fazer, o bom de tudo é fazer amizade (Alisson, responsável).

Além disso, temos acesso a “celebridades” do nosso esporte e da equipe, o que nos insere no universo do esporte. Essa possibilidade decorre do fato de fazermos parte da equipe do mestre Sávio, que é bem conhecido e respeitado na Região do Cariri. O mestre dele, Godofredo Pepey, ganhou várias lutas importantes e é bem conhecido na categoria peso pena. Nesse sentido, fazemos parte de uma linhagem amparada por princípios de lealdade e de autoridade, que visam também à formação do caráter dos lutadores. E assim como é construído nosso caráter, também deve ser modelado nosso corpo.

Se, conforme Marcel Mauss (2003), o esporte é uma prática que restringe o corpo em sua espontaneidade e o potencializa tecnicamente, e todo corpo é marcado e definido pelas práticas da sociedade na qual se inseriu de maneira que expresse o que a sociedade estabelece, não é de estranhar que ser mulher e treinar jiu-jítsu possa esbarrar em resistências. Pareceria que o ideal de delicadeza que se atribui ao corpo feminino fica em “perigo” no tatame, uma vez que esse espaço infringe marcas nos corpos masculinos que implicam em algumas deformidades, construindo os chamados cascas-grossas⁷. Isso só ocorre dependendo da intensidade do treinamento.

De fato, o lutador de jiu-jítsu tem no próprio corpo um abrigo. Trata-se de um esporte que exige sacrifícios imensos ao corpo do praticante. Os dedos das mãos são os primeiros a sentirem o peso dos treinamentos: sofrem com a aspereza do quimono. Já na primeira semana, na área imediatamente acima das unhas, a pele descama-se em carne viva, e é preciso usar esparadrapos para conseguir treinar. Com o tempo formam-se calos, e o desconforto desaparece. Também não demora muito até que se sinta o pescoço dolorido, pois são muitas as posições (estrangulamentos principalmente) em que as grossas lapelas do quimono lhe exercem enorme pressão. Não é incomum surgirem manchas roxas nos dias

⁷ “Mas o que importa notar é o aspecto de fisicalidade que a gíria expressa: o elogio se faz à pele, ao invólucro do corpo, não ao conteúdo. Afinal, é a pele que, endurecida pelo treinamento, se faz casca. Casca que, por espessa, perde em sensibilidade, mas ganha em proteção à dor e aos ataques dos adversários. A “casca-grossa” é, portanto, um embrutecer[...] (TEIXEIRA, 2011. P. 358)”.

seguintes aos treinamentos, normalmente localizadas no pescoço e debaixo das axilas (TEIXEIRA, 2011, p. 357).

A construção desse corpo pressupõe rigor e disciplina: “O disciplinamento dos corpos pelo esporte torna-se produtivo ao passo enquanto geram expectativas indispensáveis para a civilização das condutas” (PINHEIRO, 2012, p. 100).

Podemos perceber a eficácia desse processo de autocontrole nos relatos dos alunos do projeto, quando afirmam conseguirem controlar algumas emoções como a raiva, para não cometerem nenhum equívoco, como machucar seriamente alguém. Um dos jovens que participam do projeto disse em entrevista: “Eu fiquei mais calmo. Eu fiquei mais calmo depois que eu comecei a treinar, porque antes eu vivia metido em confusão”. E Alisson complementa essa ideia:

Desde seis anos pra cá já evitou d’eu ter afundado a cara de muitas pessoas, tacada a mão na cara de muita gente. Ou até posso falar que em seis anos nunca cheguei pra ninguém briga e pra brigar. O que muitas pessoas, é o mito que há sobre o jiu-jitsu, artes marciais em si, quando você aprende você vai se tornar uma pessoa mais violenta, mas é totalmente o contrário. É totalmente o contrário ela inibe o seu lado violento. Na verdade, você tem que controlar, que em meus seis anos nunca sai no tapa com ninguém e o meu conhecimento que eu tenho era pra esquarterar essas pessoas aí, fazer um estrago muito grande. Na verdade, é totalmente o contrário. Então, acho que o jiu-jitsu em si mudou tanta coisa. Mudou minha, minha relação com família, que me fez eu respeitar a hierarquia, com os professores, que ensinou que eu tenho que respeitar quem tá acima de mim, uma autoridade acima e como guiar aqueles que tá abaixo e não ser superior, mas ser um visionário digamos assim. Ter uma visão pra elas pra todos. Então, eu acho que o jiu-jitsu é isso. O que ele mudou na minha vida essa parte da hierarquia, saber respeitar quem tá acima, saber respeitar, o sacrifício de todo mundo.

Aqui aparece novamente a ideia de autocontrole, mas também alguns aspectos morais dessa arte marcial, pautada na questão da hierarquia, e no domínio da sua agressividade. Há uma compreensão generalizada, que tem a ver com práticas localizadas e específicas, que atribui aos lutadores de jiu-jítsu uma predisposição à briga, fazendo um uso desmedido das técnicas aprendidas em pessoas não são lutadoras. Mas como Alisson evidencia, sabemos os perigos que o nosso corpo proporciona para os outros, principalmente quando esse outro é alguém que não sabe se defender, e isso faz com que tenhamos que ser responsáveis pelo uso que fazemos do nosso corpo e com os ensinamentos que aprendemos sobre o jiu-jítsu.

E são esses valores do jiu-jítsu que escoam para o cotidiano que contribuem para a formação do caráter. E a disciplina de continuar treinando, mesmo com as dores que o esporte

infringe ao corpo, é o controle esperado do lutador. Assim, como descreve Wacquant, acerca do boxe:

[...] vem o prazer de sentir o corpo desabrochar, adelgar-se, “fazer-se” pouco a pouco pela disciplina que lhe é imposta. Além do sentimento de cansaço e de plenitude corporal amiúde vivaz que ele proporciona, o treino é, nele mesmo, sua própria recompensa, quando o lutador consegue dominar um gesto difícil, que oferece a sensação nova de ter redobrado sua potência, ou quando obtêm uma vitória sobre si mesmo (como sobrepujar a angústia do treino com um parceiro [...]), reputada por sua bravura física e por sua rudeza; apreciam saber que eles “são diferentes das outras pessoas. Eles são lutadores” (Idem, 2002: P. 88).

Para os jovens que moram na periferia, o jiu-jítsu funciona como um marcador de distinção. Além disso, proporciona que seus corpos fiquem fortes e viris, seguindo padrões de como deve ser um corpo masculino, atendendo a uma noção de masculinidade, sem que necessitem pagar uma academia para terem esse corpo socialmente idealizado. Mas no caso citado abaixo, o corpo, o condicionamento físico, foi o resultado dos treinos, e não o objetivo inicial.

José Alisson: Nunca fiz academia na minha vida, mas não há quem diga. Nunca malhei na minha vida. **Entrevistadora:** Concordo, tu era um graveto. **José Alisson:** Mas eu era muito magro mesmo. Então, um dos sinais mais notáveis é que, que é bastante que assim pegou em mim muito que eu sofri bastante, sofri não doeu ou algo doloroso, mas que eu sentir na pele, é o meu corpo que eu nunca fiz academia na vida eu era muito magro eu consegui desenvolver um corpo atlético musculoso sem ter nunca na vida ter malhado eu acho que esse foi um ponto muito, que às vezes tem pessoas que olha né? Positivo. [...]Eu nem esperava que esse resultado fosse acontecer, nem esperava que isso fosse acontecer. É como ate como eu falo pra alguns que pensam que, ah! Mas você malha. Eu falo, não. Não malho. Ah no jiu-jitsu eu quero ficar forte assim. Eu não. Eu falo o seguinte ó, jiu-jitsu tem em si seus benefícios isso é só apenas mais um deles, isso é uma consequência de quem realmente treina. E tem muita gente que fala, ah, mas eu treino há tanto tempo e eu nunca vi resultado. Pois então, é porque não treina. Porque é um é um fruto. É um benefício, e é algo que você vai adquirir nem que não queira. Se você faz tudo corretamente.

Para construir esses corpos os lutadores convivem com uma companheira fiel, a dor. Nesse meio, a dor é tida como um indicativo positivo, ela diz se você treinou direito ou não, onde dói é onde você precisa melhorar enquanto lutador e fazer correções na aplicação da técnica. A dor mostra onde o atleta está vulnerável. Ela também permite que o atleta saiba se está aplicando um golpe de forma eficaz a partir da dor do outro.

Considerações finais: o jiu-jítsu como metáfora da vida

Neste artigo, mostramos como uma iniciativa que surge no bojo das políticas públicas de segurança voltadas aos jovens, com um objetivo de contenção e prevenção da violência, foi apropriada e ressignificada por jovens moradores do bairro de Frei Damião, em Juazeiro do Norte, a partir da identificação, mais do que isso, verdadeira paixão, de alguns jovens pelo jiu-jítsu. Nesse sentido, começamos descrevendo o Programa Atleta Cidadão e concluímos discutindo o “projeto social de jiu-jítsu”. No entanto o que parece uma mudança simples denota certo protagonismo juvenil, capaz de promover estratégias que possibilitaram a continuidade dos treinos, mesmo com a saída de cena da instituição promotora.

Os motivos pelos quais os jovens chegam até o projeto social são diversos. Muitos chegam através dos amigos, mas apenas permanece quem se identifica tanto com o jiu-jítsu quanto com os outros alunos. Afinal ninguém continua indo aos treinos sem gostar dessa prática esportiva, porque ela realmente machuca o corpo e em alguns casos até o deforma. A orelha “estourada”, por exemplo, que consiste em vários hematomas sobrepostos na região da orelha como resultado dos constantes atritos nos treinos, é uma deformação amplamente valorizada nesse universo pois ela aponta que o lutador é “casca-grossa”.

Percebemos que o projeto possibilita uma dupla inserção a esses jovens. Por um lado, ele tem um forte componente local, pois se articula com as redes de parentesco, amizade e vizinhança vividas no território. Por outro lado, amplia o universo de experiências juvenis ao inserir seus participantes no mundo social do jiu-jítsu, estruturado a partir de equipes que cobram de seus participantes um sentimento de lealdade e mantêm entre elas relações de rivalidade. A tentativa de levar o projeto para um outro espaço conflitou com ambas as inserções – a dinâmica local de construção de afetos e a lealdade à equipe – abrindo o caminho para uma solução autônoma. Esta breve história do Programa Atleta Cidadão e seus desdobramentos é um bom exemplo de como as políticas voltadas aos jovens de periferia com frequência partem de ideias estereotipadas sobre esses jovens, desconsideram as dinâmicas locais e ainda apresentam problemas quanto a sua continuidade.

Mostramos, ainda, os aspectos morais e corporais presentes nessa “arte suave”, que incluem, por um lado, o cultivo de valores como o respeito às hierarquias, o autocontrole e a perseverança e, por outro lado, a construção de um corpo de lutador que exige disciplina e amadurece na dor. Ainda vimos como as situações no tatame são apresentadas e apreendidas como metáforas da vida cotidiana. Nesse sentido, a saída da Secretaria de Segurança do projeto não

significou o abandono do caráter “civilizador” dessa prática, no sentido dado por Elias (1994). Esse aspecto nos ajuda a compreender o apoio institucional que essa iniciativa juvenil teve por parte da direção da escola CAIC, onde os treinos acontecem até hoje.

Embora importante, a dimensão civilizadora não esgota as possibilidades de compreensão do projeto aqui discutido. A paixão pela prática, o prazer de estar entre amigos, a admiração pelo mestre, a possibilidade de fazer parte de uma equipe maior, a excitação dos campeonatos, as transformações no corpo e o desenvolvimento de uma percepção da própria força e dos movimentos corporais, o sonho de se tornar um lutador ou simplesmente a busca por atividades fora de casa, todos esses elementos embasam e justificam a permanência do projeto de jiu-jítsu no bairro de Frei Damião, e se tornam estímulos para a prática deste esporte e também para a pesquisa sociológica.

Referências

- ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Página Aberta, 1994.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.
- CECCHETTO, Fátima Regina. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: Gonçalves, José Reginaldo Santos. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. 2ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. P. 19-62.
- DIÓGENES, Glória. M. S. **Itinerários de corpus juvenis: o jogo, o baile e o tatame**. 1 ed. São Paulo: Anna Blume, 2003.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Uma História dos costumes**. V.1. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FEITOSA, Antonio Lucas Cordeiro. **Práticas sociais e espaço urbano: diferentes cartografias e representações sobre o Bairro Frei Damião**. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. UFPB/CCHLA: João Pessoa, 2015.
- FEITOSA, Antonio Lucas Cordeiro. **Sociabilidade, lazer e Violência: Práticas esportivas e juventude no bairro Frei Damião**. 2012. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais. URCA/ CH: Crato-CE, 2012.

FLICK, Uwe. **Introdução a pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FRANCH, Mônica. **Tardes ao leu**: um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia). UFPE/PPGA: Recife, 2015.

LE BRÉTON, André. O risco deliberado: sobre o sofrimento dos adolescentes. **Revista de Ciências Sociais – Política & Trabalho**, 37(2), pp.33-44, 2015.

MAUSS, Marcel. Técnicas do corpo. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. P. 399-408.

MELO, Ana Ruth de. **Estereótipos, disciplina e cidadania**: interação e construção do corpo na prática do jiu-jítsu no bairro Frei Damião. Monografia (Graduação no Curso de Ciências Sociais) - Departamento de Ciências Sociais. URCA/ CH: Crato-CE, 2014.

PINHEIRO, Antônio dos Santos. **Juventude, violência e drogas**: os desafios às políticas de segurança. Fortaleza: FUNCAP, 2012.

TEIXEIRA, Antônio Claudio Engelke Menezes. Os usos do corpo entre lutadores de jiu-jítsu. In: **Interseções** [Rio de Janeiro] v. 13 n. 2, p. 351-369, dez. 2011.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.